

1º SIMULADO ENEM DE LINGUAGENS

PROVA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

enem2019

1º DIA
CADERNO
1
AMARELO



PROF.
FELIPE PEREIRA

Desperte o bom texto que há em você

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES SEGUINTE:

1. Este CADERNO DE QUESTÕES contém 40 questões numeradas de 01 a 40.
2. Confira se o seu CADERNO DE QUESTÕES contém a quantidade de questões e se essas questões estão na ordem mencionada na instrução anterior. Caso o caderno esteja incompleto, tenha defeito ou apresente qualquer divergência, comunique ao aplicador da sala para que ele tome as providências cabíveis.
3. Para cada uma das questões objetivas, são apresentadas 5 opções. Apenas uma responde corretamente à questão.
4. O tempo disponível para estas provas é de **uma hora e trinta minutos**.
5. Reserve os 30 minutos finais para marcar seu CARTÃO-RESPOSTA. Os rascunhos e as marcações assinaladas no CADERNO DE QUESTÕES não serão considerados na avaliação.
6. Quando terminar as provas, acene para chamar o aplicador e entregue este CADERNO DE QUESTÕES e o CARTÃO-RESPOSTA.
7. Você poderá deixar o local de prova somente após decorridas duas horas do início da aplicação e poderá levar seu CADERNO DE QUESTÕES ao deixar em definitivo a sala de prova nos 30 minutos que antecedem o término das provas.

QUESTÃO 01

Há dois tipos de palavras: as proparoxítonas e o resto.

As proparoxítonas são o ápice da cadeia alimentar do léxico.

Estão para as outras palavras assim como os mamíferos para os artrópodes.

As palavras mais pernósticas são sempre proparoxítonas. Das mais lânguidas às mais lúgubres. Das anônimas às célebres.

Se o idioma fosse um espetáculo, permaneceriam longe do público, fingindo que fogem dos fotógrafos e se achando o máximo.

Para pronunciá-las, há que ter ânimo, falar com ímpeto – e, despóticas, ainda exigem acento na sílaba tônica!

Sob qualquer ângulo, a proparoxítona tem mais crédito.

É inequívoca a diferença entre o arruaceiro e o vândalo.

O inclinado e o íngreme.

O irregular e o áspero.

O grosso e o ríspido.

O brejo e o pântano.

O quieto e o tímido.

Uma coisa é estar na ponta – outra, no vértice.

Uma coisa é estar no topo – outra, no ápice.

Uma coisa é ser fedido – outra é ser fétido.

Affonso, E. Disponível em <https://www.facebook.com/eduardo22affonso/>. Acesso em 13/06/2019 (adaptado)

O *post* vai estabelecendo comparações para argumentar a favor da superioridade das palavras proparoxítonas. Para defender seu ponto de vista, o autor leva em conta:

- A o aspecto formal das palavras.
- B a polissemia inerente a todas as palavras.
- C a poeticidade de todas as palavras.
- D a precisão de sentido de todas as palavras
- E a interpretação subjetiva de todas as palavras.

QUESTÃO 02

Voltei-me para ela; Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos nada; o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se.

Assis, M. Dom Casmurro. Globo, Rio de Janeiro: 2008

O trecho em que o narrador refere-se a um suposto interlocutor, fazendo uso da função conativa (ou apelativa) da linguagem, é:

- A “Voltei-me para ela”
- B “Confissão de crianças”.
- C “não falamos nada”
- D “o muro falou por nós”.
- E “Não nos movemos”.

QUESTÃO 03

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte.

Assis, M. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Globo, 2008.

Brás Cubas, o “defunto autor”, compara a experiência de estar vivo e a de estar morto. A partir disso, constrói uma visão pessimista de sociedade, pois:

- A percebe a busca por bens materiais como a principal preocupação das pessoas.
- B evidencia a necessidade da omissão para a convivência entre as pessoas.
- C defende a importância da sinceridade para a prosperidade das pessoas.
- D postula a falsidade como a causa de todos os problemas das pessoas.
- E considera a mediocridade como a maior virtude das pessoas.

QUESTÃO 04

“E Luísa tinha suspirado, *tinha beijado* o papel devotamente! Era a primeira vez que *lhe escreviam* aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho *dilatava-se* ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido *que se estira* num *banho tépido*; sentia um acréscimo de estima por si mesma, e *parecia-lhe* que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o *seu encanto* diferente, cada passo condizia a um êxtase, e a *alma* se cobria de um luxo radioso de sensações!”

de Queiroz, Eça. O primo Basílio. L&PM, São Paulo, 2008

Todo texto se utiliza de mecanismos que concorrem para a sua progressão e organização. A partir da análise das estruturas textuais que colaboram para a coesão da narrativa, está correto afirmar que:

- A “tinha beijado” apresenta um termo implícito.
- B “lhe escreviam” e “dilatava-se” referem-se à Luísa.
- C “que se estira” refere-se a “banho tépido”
- D “parecia-lhe” e “seu encanto” referem-se à Luísa.
- E “de sensações” vincula-se a “alma”

QUESTÃO 05

O Sonhar
No mar azul a passar
O céu estrelado a olhar
As árvores verdes a me tocar
E a luz do luar a me encaminhar
A um tranquilo sonhar

Um sonho
É um sonho
É um desejo
É o tudo

E com o sonho
A gente cresce
E crescendo
Nós evoluímos

Giacometti, C. Sopa de Poesias. Porto Alegre: Liquidbook, 2017. Org: Felipe Pereira

Nos versos de uma menina de 10 anos, o uso da função poética da linguagem fica mais evidente na segunda estrofe, pois:

- A** as sentenças exploram o aspecto formal em detrimento de um sentido referencial.
- B** as palavras repetidas tornam implícita a principal mensagem do poema.
- C** as palavras sugerem uma significação onírica.
- D** a redundância deixa o poema abstrato e impreciso.
- E** as afirmações curtas simplificam a interpretação.

QUESTÃO 06

Os anos são danados, parecem também guiados por diabinhos. Enquanto o jovem Joaquim Maria Machado de Assis brincava e crescia, passavam correndo. E até parecia que vinham uns grandes diabos com eles. Não falo de 1841, que lhe trouxe uma irmãzinha – que, com certeza, não era um diabo.

Já 1845 trouxe-lhe um diabo enorme. Tão enorme que levou de volta sua irmã. Maria foi levada pelo sarampo, e ninguém dirá que um sarampo que come crianças não é um diabo.

Vieram outros diabos, de 1851 e 1853, o diabo febre amarela, a cólera... Joaquim Maria, franzino, frágil, resistia a todos os diabos grandes.

Franco, A. e Lacombe, A. A vida dos grandes brasileiros: Machado de Assis. São Paulo: Grupo de Comunicação Três.

A função emotiva da linguagem, que revela a opinião do autor de um texto, pode manifestar-se de diversas formas. No trecho de biografia, a função emotiva se expressa por meio de:

- A** frases longas, que buscam construir uma descrição detalhada.
- B** uso da primeira pessoa, que deixa claras as crenças do autor.
- C** seleção de um autor de referência, que evidencia a literatura canônica.
- D** construções imprecisas, que dificultam a clareza da narrativa.
- E** escolha lexical, que permite identificar a subjetividade do autor.

QUESTÃO 07

As escolhas enunciadas desde o princípio do livro distanciam-no da pretensa neutralidade acadêmica nas determinações que engendram e alimentam as relações de poder. Suas coordenadoras e colaboradores(as) dialogam a todo instante com tradições ancestrais e com meios de expressão sociocultural de diversa procedência, em alguns casos anteriores à própria existência da tradição acadêmica. Por “tradições” não estão implicados fenômenos petrificados do passado, mas forças vivas dotadas de grande capacidade de ressemantização, sem perder o vínculo com as identidades ancestrais. Variadas em suas formas de expressão no continente africano e na América, as tradições negras (africanas, afro-brasileiras) e indígenas são reconfiguradas, transformando-se em modos potentes de ser e de interagir com o mundo, alimentando cosmovisões plurais que, pelo simples fato de continuarem a existir, mostram-se resistentes.

Macedo, J. R. Lugares de Fala, Lugares de escuta: nas literaturas africanas, americanas e brasileiras. Porto Alegre, ZOUK: 2018. Org: Ana Lúcia Tettamanzy e Cristina dos Santos

Ao se distanciar “da pretensa neutralidade acadêmica”, o texto propõe uma concepção de identidade nacional pautada no pressuposto de que:

- A** a neutralidade acadêmica é fundamental para o patrimônio linguístico brasileiro.
- B** a diversidade de discursos constitui o patrimônio cultural brasileiro.
- C** a literatura africana faz parte do patrimônio literário brasileiro.
- D** as tradições precisam ser preservadas pelo patrimônio cultural brasileiro.
- E** as relações de poder não se revelam no patrimônio cultural brasileiro.

QUESTÃO 08

“O pai de Ponciá sabia ler todas as letras do alfabeto. Sabia de cor e salteado. Em qualquer lugar que visse as letras, as reconhecia. Não conseguia, porém, formar as sílabas e muito menos as palavras. Aprendera a ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço. Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem de sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria.”

E, Conceição. Ponciá Vincência. Maza edições, Belo Horizonte, 2013, p. 14.

Nesse trecho do romance “Ponciá Vincência”, Conceição Evaristo, ao construir personagens com ancestralidade escrava, usa como recurso expressivo:

- A** uma atitude cruel, descrita de forma objetiva.
- B** o aprendizado da leitura, visto como forma de esperança.
- C** um efeito estético, promovido pela seleção de imagens.
- D** uma denúncia, que é evidenciada pela linguagem enrijada e problematizadora.
- E** uma narrativa, que ordena os fatos cronologicamente.

QUESTÃO 09

A Minha Dor

A minha Dor é um convento ideal
Cheio de claustros, sombras, arcarias,
Aonde a pedra em convulsões sombrias
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres de agonias
Ao gemer, comovidos, o seu mal ...
E todos têm sons de funeral
Ao bater horas, no correr dos dias ...

A minha Dor é um convento. Há lírios
Dum roxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,
Noites e dias rezo e grito e choro,
E ninguém ouve ... ninguém vê ... ninguém ...

Espanca, F. Livro de Mágoas. Globus, São Paulo: 2016.

Publicado em 1919, a obra “Livro de Mágoas”, de Florbela Espanca, revela tendências estéticas presentes no Parnasianismo e no Simbolismo, sem poder ser reduzida a uma dessas duas escolas literárias. Com relação à estruturação e à abordagem temática, presentes no poema, percebem-se marcas dessa diversidade estética em elementos como:

- A** o medo da solidão, expresso por meio de metáforas de significação imprecisa.
- B** a constatação da solidão, que se constrói a partir de comparações e afirmações.
- C** a esperança da felicidade, que se revela na imagem de um convento.
- D** a consciência da dor, que é gerada pelo sofrimento de estar sozinha.
- E** a fé religiosa, que se mostra na imagem dos sinos de um convento.

QUESTÃO 10

Seu jogo é sujo, e eu não me encaixo.
Eu sou problema de montão
De carnaval a carnaval
Eu vim da selva, eu sou leão
Sou demais pro seu quintal.

Problema com escola
Eu tenho mil, mil fita.
Inacreditável, mas seu filho me imita.
No meio de vocês, ele é o mais esperto!
Ginga e fala gíria
Gíria não! Dialeto!

Racionais Mc's, Negro Drama.

No trecho da música, nota-se o uso das funções conativa e metalinguística da linguagem. O trecho da letra que melhor representa o uso da função metalinguística é:

- A** “Seu jogo é sujo”.
- B** “Eu vim da selva, eu sou leão”.
- C** “Inacreditável, mas seu filho me imita”.
- D** “Ginga e fala gíria”.
- E** “Gíria não! Dialeto”.

QUESTÃO 11

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o “homem cordial”. A hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São, antes de tudo, expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (...)

O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante de Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo. Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos.

HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil. Companhia das Letras, São Paulo: 2008.

Partindo do pressuposto de que “Raízes do Brasil” compõe o patrimônio linguístico brasileiro e que corrobora para a formação de uma identidade nacional. Nesse sentido, a partir da leitura do segundo parágrafo, é possível perceber que a hospitalidade brasileira é aproximada da:

- A** cordialidade.
- B** falsidade.
- C** corrupção.
- D** religiosidade.
- E** xenofobia.

QUESTÃO 12

Recapitulemos os caracteres da língua:

Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se *localizá-la* na porção determinada do circuito *em que* uma imagem auditiva (significante) vem *associar-se* a um conceito (significado). Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para *conhecer-lhe* o funcionamento; somente pouco a pouco a criança assimila. A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem, mesmo privado do uso da fala, conserva a língua.

Saussure, F. Curso de Linguística Geral. Cultrix, São Paulo: 2006 (adaptado)

Na composição de textos técnicos, é muito importante o uso de elementos coesivos que retomem e que anunciem estruturas frasais. Dos termos abaixo, aquele que anuncia uma informação é:

- A** “localizá-la”
- B** “em que”
- C** “associar-se”
- D** “Por outro lado”
- E** “conhecer-lhe”

QUESTÃO 13

Carta Capital: Em maio, a mídia condenou o livro *Por Uma Vida Melhor*, seus autores e o próprio ministério por admitirem o “português errado”, sob o pretexto de alertar para o “preconceito linguístico”. No seu entendimento, tal conclusão é correta?

Sírio Possenti: O preconceito linguístico consistiria em discriminar alguém pelo fato de falar de maneira diferente. Pode acontecer em situações diversas. Por exemplo, não contratar um trabalhador pelo fato de ele ter um sotaque marcado – do interior paulista ou baiano, por exemplo – ou porque não usa variantes sintáticas cultas, mas apenas as populares (empregar concordâncias verbais ou nominais como “eles foi” ou “10 real”). Sendo bem conservador, diria que, em certos casos, uma decisão como essa seria mais compreensível do que em outros. Acho o fim do mundo que um contador ou um trabalhador braçal seja dispensado por tais critérios, mas compreenderia que uma empresa regional preferisse “relações-públicas” que se caracterizassem como “do lugar”. A questão pode ser diferente também na escola. Não se pode exigir nos primeiros anos de falantes oriundos de grupos populares que dominem formas de falar com as quais têm pouquíssimo contato e, principalmente, que dominem a escrita-padrão. Mas, se a escola for competente, deve-se exigir progressivamente o domínio do padrão. Uma pessoa pode ser vítima de preconceito também por razões “teóricas”. Por exemplo, ser considerada incapaz de pensar “direito” pelo fato de seguir outra gramática. Se isso fosse verdade, as pessoas só poderiam pensar em uma língua... Em resumo, o preconceito pode, sim, vitimar falantes “diferentes”. E os vitima todos os dias...

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/>. Acesso em 15/06/2019 (adaptado)

Sírio Possenti, importante linguista brasileiro e professor da Unicamp, se posiciona em relação a um livro didático proposto pelo MEC que levaria em conta expressões linguísticas como “os livro”. Esse livro foi criticado pela mídia por “ensinar o português errado”. Para o autor, o ensino de gramática normativa na escola:

- A** é absolutamente desnecessário, tanto para a vida pessoal quanto para a vida profissional.
- B** deve ser incentivado, em detrimento do estudo das variações linguísticas, principalmente as regionais.
- C** é importante, desde que seja feito gradualmente, sem que as variantes linguísticas sejam desprestigiadas.
- D** é completamente necessário, sendo um fator decisivo no sucesso profissional de todos os estudantes.
- E** deve ser respeitado, a partir do momento em que o aluno demonstrar interesse pela norma padrão.

QUESTÃO 14

Eleição Fantasma

Ano atípico este de 2016. Impeachment presidencial, cassação do mandato de um presidente da Câmara, prisões, delações, Lula acusado de corrupção, lavagem de dinheiro e obstrução de Justiça, meio mundo político na mira da Lava Jato, suspeita de que ministro comandava a economia enquanto arrecadava fundos “por fora” para o PT. *Com tudo isso* e muito mais, a campanha eleitoral municipal passou praticamente em branco no cenário nacional.

Quando a gente se dá conta de que *a eleição de prefeitos* e vereadores é daqui a uma semana, soa muito repentino. Já? Pois é. O rebuliço reinante na República atraiu todas as atenções e deixou em segundo plano a movimentação dos aspirantes a administradores do nosso cotidiano. Das decisões dos eleitos dependerá o maior ou menor grau de conforto ou desconforto na vida das cidades e de *seus habitantes*. Portanto, o voto de domingo próximo é crucial para o próprio bem (ou mal) do eleitor.

O resultado *dessa situação* de peculiar desinteresse, veremos daqui a uma semana. Dois indicadores políticos, no entanto, já se destacam nas pesquisas de opinião: a dispersão partidária entre os apontados como favoritos nas capitais e o desempenho sofrível, e já esperado, do PT nessas localidades. *O partido* lidera a disputa apenas em Rio Branco (AC).

Estadão, Colunista Dora Kramer, 25/09/2016.

Para a construção de uma coluna de jornal, são necessárias escolhas vocabulares que permitam a organização e a estruturação do texto, fazendo com que a leitura progrida tranquilamente. Sobre os recursos coesivos, é correto afirmar que:

- A** a expressão “Com tudo isso” promove a catáfora, figura de linguagem em que a palavra se refere a um significado que está por vir no texto.
- B** o segmento “a eleição de prefeitos” coloca em questão uma significação que, até então, não havia aparecido no texto.
- C** o pronome “seus” em “seus habitantes” relaciona-se exclusivamente com o substantivo masculino “habitantes”.
- D** o sintagma “dessa situação” é anafórico, referindo-se a todo um contexto previamente articulado.
- E** a expressão “O partido” é usada de maneira imprecisa, de modo que não fica claro que partido está sendo referido.

QUESTÃO 15

Muitas vezes, as críticas ao *internetês* são apressadas e não têm embasamento científico algum, visto que são operadas mais pelo estranhamento das formas do que pela tentativa de depreender sua “lógica” ou funcionalidade. Como pode alguém falar de um novo uso (que choca/causa estranhamento) da língua sem levar em conta o que seja *língua, palavra, léxico, norma, variante, dialeto* ou *escrita*? Equacionar essas noções, tão básicas, é essencial para entender estrutura do funcionamento do uso da língua na Internet, uma faceta da língua adaptada às circunstâncias exigidas para a comunicação utilizando o computador.

Bisognin, T. Reflexões Linguísticas e Redação no Vestibular. UFRGS, Porto Alegre: 2010 org. Sabrina de Abreu

O uso da novas tecnologias da comunicação deu origem à variante linguística chamada “internetês”. Para o autor, essa variedade:

- A** é informal e inadequada em qualquer situação comunicativa.
- B** expressa falta de interesse em aprender a norma-padrão.
- C** deve tornar-se a variedade a ser seguida como padrão.
- D** corresponde às necessidades comunicativas na Internet.
- E** representa a dificuldade de comunicação dos jovens.

QUESTÃO 16

Como uma estância é lugar onde nada acontece, constituíra uma fábula a chegada do Maestro, com seu empoeirado baú de partituras, seu bandolim de fitas, o penico atado à mala e aquela pele escura, crivada de pontos malévolos. (...)

Não era do Rio Grande do Sul; em suas poucas palavras revelara-se aquele acento corrompido e cantante dos baianos, essa gente sem eira nem beira que veio lutar na Revolução, e cujos remanescentes ainda se embebedavam pelos bolichos”.

Assis Brasil, L. A. Concerto Campestre. L&PM, Porto Alegre: 1997.

Ao referir-se ao modo de falar da personagem, o narrador o descreve como “corrompido e cantante”. Isso constitui um/uma:

- A** conclusão, defendida com argumentos empíricos.
- B** juízo de valor, elaborado por uma visão mítica.
- C** avaliação crítica, construída a partir da análise histórica.
- D** ponto de vista, estruturado a partir de experiências individuais.
- E** Informação, formulada para explicar um fato.

QUESTÃO 17

- Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver.... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para casa deles para os pôr a servir de escravos ou pouco mais. Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos, porque os que já se tinham habituados a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens... que o que os homens fazem é efeito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tivessem juízo saberiam que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Honwana, L. B. Nós Matamos o Cão Tinhoso. Kapulana, São Paulo: 2015

Luis Bernardo Honwana, autor moçambicano, produziu muitos contos que abordam a temática do racismo. Sob essa perspectiva, percebe-se, na fala de uma mãe a seu filho, uma visão:

- A** metafórica, que descreve o racismo de forma amena e indireta.
- B** realista, que critica o racismo de forma narrativa e argumentativa.
- C** idealista, que considera o racismo um aspecto social positivo.
- D** pessimista, que percebe o racismo como um problema sem solução.
- E** poética, que entende o racismo apenas como objeto literário.

QUESTÃO 18

João Grande sentou para espiar, Pedro Bala se afastou com o Professor para um canto. Queria combinar uma maneira de roubar a imagem de Ogum da polícia. Discutiram parte da noite; já eram onze horas quando Pedro Balada, antes de sair, falou para todos os Capitães da Areia:

- Minha gente, eu vou fazer um troço difícil. Se eu não aparecer até de manhã, vocês fica sabendo que eu tou na polícia e não demoro a tá no reformatório, até fugir. Ou até vocês me tirar de lá...

Amado, J. Capitães da Areia, Record, Rio de Janeiro: 2005, 117ª ed.

Nos romances de Jorge Amado, há o registro de variedades linguísticas orais. Nesse trecho, usa-se esse recurso para:

- A** desprestigiar a personagem e as variedades linguísticas populares.
- B** enaltecer as variedades faladas por pessoas de periferia.
- C** caracterizar a personagem por meio de sua linguagem.
- D** associar a criminalidade a certas formas de falar.
- E** normatizar a forma de falar das personagens.

QUESTÃO 19

Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. (Imagine se alguém fosse falar inglês ou francês do jeito que se escreve!) Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” quem fala *muleque*, *bêju*, *minino*, *bisoro*, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas.

Bagno, M. Preconceito Linguístico, o que é e como se faz. Loyola, São Paulo: 2006

Ao abordar a prática de “corrigir” o uso de certas variedades linguísticas, o autor Marcos Bagno emprega, majoritariamente, em seu texto:

- A a norma padrão, característica de textos técnico-científicos.
- B a variedade oral, muito usada em diálogos informais.
- C linguagem literária, utilizada com finalidade estética.
- D estruturas comparativas, com o intuito de relacionar o português a outros idiomas.
- E linguagem acadêmica, com o objetivo de atingir público especializado.

QUESTÃO 20

Dicionário (subst. masc) 1 – compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos, etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencional, geralmente alfabética. 2 – compilação de alguns dos vocábulos empregados por um indivíduo, um grupo de indivíduos, ou usuários numa época, num movimento, etc. 3 – livro, ou qualquer outro suporte de mensagem auditiva, visual etc.

Houaiss, A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Objetiva: 2009.

No trecho de um dicionário, percebe-se a significação atribuída ao verbete “dicionário”. Por meio desse movimento metalinguístico, é elaborada uma definição:

- A que leva em conta as diversas variedades linguísticas para a construção dos possíveis sentidos do vocábulo.
- B que busca delimitar um campo semântico sem deixar de reconhecer a amplitude que extrapola a própria definição do vocábulo.
- C que se utiliza da linguagem metafórica para ampliar ao máximo o campo de significação do vocábulo.
- D que tem como objetivo o registro etimológico da raiz do vocábulo.
- E que analisa apenas o aspecto formal do vocábulo.

QUESTÃO 21

Capítulo III - Estranhos caminhos até Luderitz

Mágica emoção de conhecer um lugar que há pouco tempo não passava de um ponto isolado no mapa, que nada me dizia além de ser o início da linha pontilhada que atravessava minhas cartas náuticas em direção ao Brasil. Fantástica emoção de, agora, neste ponto perdido, deixar recordações, saudades, pessoas queridas. Mas, por que Luderitz? Não por acaso. Único porto da Namíbia, isolado em quase 1.500 quilômetros de costa árida e desabitada, é a partir daí que a corrente de Benguela se afasta da costa e deflete para dentro do Atlântico; ao mesmo tempo, é o lugar onde começam os ventos alísios que sopram fortes e regulares até o nordeste do Brasil. Luderitz está em situação altamente estratégica para uma pequena embarcação que pretenda se ver livre da África.

KLINK, Amyr. Cem dias entre céu e mar. Companhia das Letras, São Paulo, p.33.

Para narrar uma sequência de fatos, é preciso organizar, estruturalmente, uma determinada progressão temática. Assinale a alternativa que apresente um trecho do texto em que o autor se valeu do recurso da elipse do sujeito.

- A “um lugar que há pouco tempo não passava de um ponto isolado no mapa”.
- B “nada me dizia além de ser o início da linha pontilhada que atravessava minhas cartas náuticas em direção ao Brasil”.
- C “é a partir daí que a corrente de Benguela se afasta da costa e deflete para dentro do Atlântico”.
- D “os ventos alísios que sopram fortes e regulares até o nordeste do Brasil”.
- E “Luderitz está em situação altamente estratégica para uma pequena embarcação que pretenda se ver livre da África”.

QUESTÃO 22

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto disse-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

Andrade, O. Manifesto Antropofágico

O Manifesto Antropofágico, publicado em 1928, é um texto muito significativo para o Modernismo brasileiro, especialmente em sua primeira fase. Nesse trecho, ao se referir à literatura colonial, o autor:

- A defende uma concepção estética inovadora, composta por uma sequência de imagens dispersas.
- B faz uma comparação histórica detalhada, levando em conta os aspectos econômicos do Brasil Colônia.
- C constrói uma visão crítica, apresentando novas possíveis funções para os textos literários.
- D analisa o importante papel de Padre Antônio Vieira na economia durante todo o período colonial.
- E critica a estética barroca, desqualificando os textos coloniais por conta de seu aspecto formal.

QUESTÃO 23

Nota Preliminar

(...)

O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas.

(...)

A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável “força Motriz da História” que Gumpłowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes.

A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. Nem enfraquece o asserto a termos realizado nós, filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico, dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã — tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes.

(...)

Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.

E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo.

DA CUNHA, E. Os Sertões, 1902

O narrador elabora uma descrição dos povos que vivem no interior do Brasil, distantes da capital nacional (na época, o Rio de Janeiro). Nessa descrição, expressam-se influências do Naturalismo, pois:

- A** há uma visão progressista, em “a força Motriz da História”.
- B** é feita uma denúncia social, em “caipira simplório”
- C** o sentido se dá de forma intertextual, na referência a “Hobbes”.
- D** a argumentação revela-se determinista, em “esmagamento inevitável”.
- E** o texto enaltece a batalha contra Canudos, em “Aquela campanha”.

QUESTÃO 24

O termo hipertexto foi criado por Theodore Nelson, na década de 1960, para denominar a forma de escrita e de leitura não linear na informática. O hipertexto se assemelha à forma como o cérebro humano processa o conhecimento: fazendo relações, acessando informações diversas, construindo ligações entre fatos, imagens, sons, enfim, produzindo uma teia de conhecimentos. No hipertexto, o leitor passa a ter uma participação mais ativa, pois ele pode seguir caminhos variados dentro do texto, selecionando pontos que o levam a outros textos ou outras mídias para complementar o sentido de sua leitura.

Disponível em: <http://educacao.globo.com>. Acesso em: 17/06/2019

A partir da noção de hipertexto, é possível depreender que a leitura passa a ser vista como um evento:

- A** estático, em que leitor tem pouca participação.
- B** interativo, em que o leitor é visto como coautor.
- C** caótico, no qual não há organização.
- D** surpreendente, que não é passível de descrição.
- E** metodológico, que exige determinados conhecimentos técnicos.

QUESTÃO 25

Continuemos. Tenciono contar a minha história. Difícil. Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis. Também pode ser que, habituado a tratar com matutos, não confie suficientemente na compreensão dos leitores e repita passagens insignificantes. De resto isto vai arranjado sem nenhuma ordem, como se vê. Não importa. Na opinião dos caboclos que me servem, todo o caminho dá na venda.

RAMOS, G. São Bernardo. 92.ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

Nesse trecho, o narrador expressa, de forma muito pessoal, sua desconfiança quanto à capacidade de contar a própria história. Marque a alternativa que apresente um trecho do texto que mais se aproxime da variedade oral de uso da língua:

- A** “Tenciono contar a minha história”.
- B** “particularidades úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis”.
- C** “Também pode ser que, habituado a tratar com matutos, não confie...”
- D** “De resto isto vai arranjado sem nenhuma ordem”.
- E** “todo o caminho dá na venda”.

QUESTÃO 26

Ai se sesse...

Se um dia nois se gostasse
Se um dia nois se queresse
Se nois dois se empareasse

Se juntim nois dois vivesse
Se juntim nois dois morasse
Se juntim nois dois drumisse
Se juntim nois dois morresse
Se pro céu nois assubisse

Mas porém se acontecesse de São Pedro não abrisse
a porta do céu e fosse te dizer quarquê tolíce
E se eu me arriminasse
E tu cum eu insistisse pra que eu me arresolvesse
E a minha faca puxasse
E o bucho do céu furasse

Tarvéis que nois dois ficasse
Tarvéis que nois dois caisse
E o céu furado arriasse e as virgi toda fugisse

LUZ, Zé. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/>.

A variação linguística é um processo natural, contínuo e passível de descrição. Isto é, há padrões a partir dos quais as palavras varia. Marque a alternativa que explica corretamente o processo de variação pelo qual as expressões passaram:

- A** “drumisse” é resultado da supressão de um som consonantal.
- B** “assubisse” e “arresolvesse” são verbos que recebem uma nova vogal.
- C** “quarquê” é resultado da supressão de som consonantal em fim de palavra.
- D** “tarvéis” é uma palavra que passa somente pelo processo de ditongação.
- E** “pro” é uma única palavra que perdeu sua sílaba em /a/.

QUESTÃO 27

“Perspectivismo” foi um rótulo que tomei emprestado ao vocabulário filosófico moderno para qualificar um aspecto muito característico de várias, senão todas, as cosmologias ameríndias (dos índios da América). Trata-se da noção de que, em primeiro lugar, o mundo é povoado de muitas espécies de seres (além dos humanos propriamente ditos) dotados de consciência e de cultura e, em segundo lugar, de que cada uma dessas espécies vê a si mesma e às demais espécies de modo bastante singular: cada uma se vê como humana, vendo todas as demais como não-humanas, isto é, como espécies de animais ou de espíritos.

Assim, por exemplo, as onças se veem como gente, vendo ainda vários elementos de seu universo como se consistissem de objetos culturais: o sangue dos animais que matam é visto pelas onças como cerveja de mandioca etc. Em contrapartida, as onças não nos veem, a nós humanos (que naturalmente nos vemos como humanos), como humanos, mas sim como animais de presa: porcos selvagens, por exemplo. É por isso que as onças nos atacam e devoram. Quanto aos porcos selvagens (isto é, aqueles seres que vemos como porcos selvagens), estes se também se veem como humanos, vendo, por exemplo, as frutas silvestres que comem como se fossem plantas cultivadas – mas veem a nós humanos como se fôssemos espíritos canibais (pois os caçamos e comemos).

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O Perspectivismo Ameríndio. Disponível em: <http://lucio-uberdan.blogspot.com.br/> Acesso em: 04/10/2016.

O “perspectivismo ameríndio” é um estudo filosófico que busca descrever “as cosmologias ameríndias”. A partir dessa cosmovisão, expressa mais intensamente a partir do segundo parágrafo, nós, seres humanos, somos vistos como:

- A seres de grandes poderes, cujas potencialidades causariam medo.
- B seres vivos, cuja importância pode se resumir à alimentação da onça.
- C seres de luz, cuja relevância espiritual sobressai.
- D seres de escuridão, dos quais é melhor manter distância.
- E seres disformes, cujas particularidades seriam incompreensíveis à onça.

QUESTÃO 28

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo,
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
a Via-Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudosos e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

Bilac, O. Poesias, 1888

Os poetas parnasianos apresentam uma poética bastante característica. No poema de Olavo Bilac, percebe-se uma construção diferenciada pois:

- A é composto na forma de um diálogo entre dois interlocutores.
- B utiliza palavras de significação imprecisa.
- C se remete à temática amorosa como elemento significativo.
- D apresenta o questionamento de um sujeito conversando consigo próprio.
- E utiliza o soneto, forma utilizada apenas pelos parnasianos.

QUESTÃO 29

Introdução

A Língua Geral na Amazônia assumiu diferentes papéis ao longo da história da ocupação da região (séc. XVII – XX). Vamos tratar aqui de três momentos históricos em que a Língua Geral foi considerada sucessivamente como “língua de branco”, na Colônia; “língua brasileira”, no Império; e “língua de índio”, nas últimas décadas no Rio Negro.

Barros, M. Borges, L. Meira, Márcio. A Língua Geral como Identidade construída. USP, 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111629/109666>. Acesso em 18/06/2019

Compreendendo a Língua Geral como parte do patrimônio linguístico nacional, a sua transição de “língua de branco” no séc. XVII para “língua de índio” no séc. XX representa:

- A a expansão do domínio político indígena no território brasileiro.
- B um processo de transformação estrutural de um idioma.
- C uma mudança na forma como um povo percebe um idioma.
- D a modernização política desenvolvida após a Independência.
- E o surgimento de novos idiomas ao longo do tempo.

QUESTÃO 30

Futebol é paixão

Amigos, falemos ainda do Brasil. O triunfo, na Suécia, em 58, foi para nós tão importante como a Primeira Missa. Começava o Brasil. Nós nos inaugurávamos. Tudo o que ficava para trás era o pré-Brasil. E basta comparar. Até 58, o brasileiro não ganhava nem cuspe à distância. O sujeito dormia enrolado na derrota como num cobertor. Ninguém acreditava no Brasil, nem o Brasil acreditava em si mesmo.

E, por isso, eu lhes digo que A Primeira Missa, de Portinari, é inexata. Aqueles índios de biquíni, o umbigo à mostra, não deviam estar na tela, ou por outra — podiam estar, mas de calções, chuteiras e camisa amarela. Lapso de Portinari não pôr o Feola, sem boné e contrito, com aqueles pernões monumentais e aquela barriga tão plástica. O principal papel do escrete de 58 foi o de profeta do grande Brasil.

Disponível em: brasil.gov.br/noticias/esporte - Acesso em 17/06/2019

Nelson Rodrigues foi o principal cronista esportivo da história da literatura brasileira. No texto acima, falando sobre a conquista da Copa do Mundo de 1958, vemos uma abordagem que dá ao texto sua força literária, expressa ao:

- A** revelar fatos que não eram conhecidos pela população brasileira, relativos à sua história.
- B** usar uma linguagem poética e rimada, para popularizar o texto.
- C** citar nomes de grandes artistas, para argumentar em favor do aspecto plástico do futebol.
- D** criar uma nova mitologia brasileira, a partir de um fato desconhecido e hipotético.
- E** equiparar a importância de um fato histórico a um acontecimento popular.

QUESTÃO 31

Finalmente, uma vez que o livro (**que** é de semiótica e não de linguística) aborda vários casos de significantes não verbais, mas **se** vê forçado a **dominá-los** verbalmente, sempre que um objeto não linguístico for nomeado como objeto (e não como palavra que nomeia aquele objeto), **ele** aparecerá entre barras duplas em itálico (||xxx||). **Dessa forma**, |automóvel| está para a palavra que nomeia o objeto correspondente, assim como ||*automóvel*|| indica que se está falando do objeto-automóvel enquanto portador de significado.

ECO, U. Tratado Geral de Semiótica. Perspectiva, São Paulo: 2002.

Textos científicos precisam de muita clareza na sua composição. Sobre os elementos coesivos em destaque no trecho, pode-se afirmar que:

- A** o pronome “que” faz referência a “semiótica” e “linguística”.
- B** o pronome “se” faz referência a “livro”.
- C** “-los” em “dominá-los” faz referência a “livro”
- D** “ele” faz referência a “livro”.
- E** “Dessa forma” relaciona-se apenas a ideias anteriores.

QUESTÃO 32

Quase todas as tradições e canções eram estrangeiras; o próprio “Tangolomango” o era também. Tornava-se, portanto, preciso arranjar alguma cousa própria, original, uma criação da nossa terra e dos nossos ares.

Essa ideia levou-o a estudar os costumes tupinambás; e, como uma ideia traz outra, logo ampliou o seu propósito e eis a razão por que estava organizando um código de relações, de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcado nos preceitos tupis.

Desde dez dias que se entregava a essa árdua tarefa, quando (era domingo) lhe bateram à porta, em meio de seu trabalho. Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. A irmã correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha, pois eram eles, ficaram estupefatos no limiar da porta.

– Mas que é isso, compadre?

– Que é isso, Policarpo?

– Mas, meu padrinho...

Ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com a maior naturalidade:

– Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das cousas da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão. Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás.

BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma

O romance Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, discute, entre outros aspectos, o nacionalismo brasileiro. Major Policarpo é um nacionalista ufanista, que aprecia, exacerbadamente, diversos aspectos da cultura brasileira. No trecho, Policarpo faz a recuperação de costumes indígenas que:

- A** não são aceitos pelos seus conhecidos devido ao preconceito contra indígenas.
- B** causam espanto por serem muito deslocados do contexto histórico em que se passa o romance.
- C** afetam espiritualmente os companheiros de Policarpo, que se emocionam.
- D** demonstram a imersão total de Policarpo na cultura indígena, única verdadeiramente brasileira.
- E** são descontextualizados em uma realidade urbana e burguesa.

QUESTÃO 33

O Almocreve

Vai então, empacou o jumento em que eu vinha montado; fustiguei-o, ele deu dois corcovos, depois mais três, enfim mais um, que me sacudiu fora da sela, e com tal desastre, que o pé esquerdo me ficou preso no estribo; tento agarrar-me ao ventre do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada afora. Digo mal: tentou disparar, e efetivamente deu dois saltos, mas um almocreve, que ali estava, acudiu a tempo de lhe pegar na rédea e detê-lo, não sem esforço nem perigo. Dominado o bruto, desvencilhei-me do estribo e pus-me de pé.

— Olhe do que vosmecê escapou, disse o almocreve.

E era verdade; se o jumento corre por ali fora, contundia-me deveras, e não sei se a morte não estaria no fim do desastre; cabeça partida, uma congestão (...).

O almocreve salvara-me talvez a vida; era positivo; eu sentia-o no sangue que me agitava o coração. Bom almocreve! Enquanto eu tornava à consciência de mim mesmo, ele cuidava de consertar os arreios do jumento, com muito zelo e arte. Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo. (...)

Fui aos alforjes, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com efeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremeções de alegria. Examinei-lhe a roupa; era um pobre-diabo, que nunca jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, via-a reluzir à luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu tinha lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez, entrou a falar ao jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe que tomasse juízo, que o “senhor doutor” podia castigá-lo.

Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas a algumas braças de distância, olhei para trás, o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais.

*Almocreve: condutor de animais de carga

Assis, M. Memórias Póstumas de Brás Cubas, 1881.

Os romances das últimas décadas do séc. XIX podem ser analisados como registros da dinâmica social brasileira da época. Sob esse aspecto, o olhar do narrador sobre o almocreve vai se modificando por conta de:

- A uma busca por respeito a todo indivíduo, independentemente da profissão que exerça.
- B um desprestígio a todo indivíduo que seja condutor de cargas.
- C um pré-julgamento, que avalia os indivíduos de forma utilitarista.
- D um abuso de autoridade, submetendo um indivíduo a uma situação vexatória.
- E uma postura financeira, que tenta gastar sempre menos.

QUESTÃO 34

Poema de Finados

Amanhã, que é dia dos mortos
Vai ao cemitério. Vai.
E procura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai

Leva três rosas bem bonitas
Ajoelha e faz uma oração
Não pelo pai, mas pelo filho
O filho tem mais precisão

Tudo que resta de mim na vida
É a amargura do que já sofri
Pois nada quero, nada espero
E em verdade estou morto ali

Bandeira, M. Libertinagem, 1930

Os poemas modernistas carregam um lirismo que, por vezes, se expressa por meio da quebra de expectativa. Marque a alternativa que destaca o verso do poema que melhor exemplifique esse recurso expressivo:

- A “Vai ao cemitério. Vai.”
- B “Leva três rosas bem bonitas”
- C “Não pelo pai, mas pelo filho”
- D “Pois nada quero, nada espero”.
- E “E em verdade estou morto ali”

QUESTÃO 35

Capítulo LXXI

O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cada- vérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

Assis, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas, 1881

Uma das inovações narrativas de Memórias Póstumas é a forma como interpela o leitor, por meio da função apelativa da linguagem, que, nesse trecho, se constitui a partir do(a)

- A elogio dirigido ao leitor e à sua capacidade de leitura.
- B crítica feita ao leitor e ao seu modo de suspeitar da narrativa.
- C ridicularização do leitor e das suas expectativas quanto ao enredo.
- D valorização do leitor e de sua coragem.
- E ironização do leitor e de sua admiração ao livro.

QUESTÃO 36

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Dias, Gs. De Primeiros Cantos. 1847

Gonçalves Dias é um escritor fundamental para a poesia romântica brasileira em sua primeira fase, que ocorre entre as décadas de 1830 e 40. Considerando o projeto ideológico em curso nessa época, podemos afirmar que a *Canção do Exílio* apresenta o amor pela pátria de forma:

- A** poética, valorizando a agricultura nacional.
- B** utópica, ironizando a natureza brasileira.
- C** idealizada, enaltecendo a fauna e a flora brasileiras.
- D** objetiva, escrevendo como quem está fora do país.
- E** cosmopolita, comparando o Brasil a outros países.

QUESTÃO 37

A língua geral foi falada no Brasil entre o final do século XVII e o início do século XX. Formou-se a partir da evolução histórica do tupi antigo. Dividia-se em dois ramos: a língua geral setentrional (também chamada língua geral amazônica) e a língua geral meridional (também chamada língua geral paulista). A língua geral setentrional deu origem no século XIX ao nheengatu, que ainda é falado atualmente no alto Rio Negro, na região fronteira entre Brasil, Venezuela e Colômbia. "Língua geral" é um termo específico para determinada categoria de línguas, que surgiram na América do Sul nos séculos XVI e XVII em condições especiais de contato entre europeus e povos indígenas. A língua geral dá origem ao que passa a ser chamado de língua brasileira.

Em 1618, publicou-se o primeiro Catecismo na Língua Brasileira, além de um manuscrito de 1621 que contém o dicionário dos jesuítas, Vocabulário na Língua Brasileira.

Aryon Dall'Igna Rodrigues – Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. Edições Loyola, São Paulo, 1986 (adaptado)

O trecho citado, ao se referir à língua geral, elabora uma concepção de patrimônio linguístico que:

- A** estereotipa a estrutura das línguas indígenas.
- B** defende a superioridade das línguas indígenas.
- C** reproduz uma visão tradicional acerca da origem do português brasileiro.
- D** desvaloriza a influência das línguas europeias para o português brasileiro.
- E** percebe as línguas indígenas como parte da formação do português brasileiro.

QUESTÃO 38

vento
que é vento
fica

parede
parede
passa

meu ritmo
bate no vento
e se
des
pe
da
ça

Leminski, Paulo. Toda Poesia. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2013. (p.97)

Leminski é um autor que coloca em prática uma poética que se origina no Brasil, a partir dos anos de 1950. Com base na leitura do poema acima, podemos perceber nele certos procedimentos textuais que destacam:

- A** a sonoridade da poesia.
- B** a temática existencialista.
- C** a polissemia das palavras.
- D** a estrutura formal da língua.
- E** o fazer poético naturalista.

QUESTÃO 39

- Oi, tudo bem?
- Tudo Bem...
...Fora o tédio que me consome,
todas as 24 horas do dia,
fora a decepção de ontem a decepção de hoje,
e a desesperança crônica no amanhã,
tenho vontade de chorar,
raiva de não poder,
quero gritar até ficar rouco,
quero gritar até ficar louco,
isso sem contar com a ânsia de vômito,
reação a tal pergunta idiota
...Fora tudo isso, tudo bem

Tudo bem. Garotos Podres.

Disponível em <https://www.letras.mus.br/garotos-podres/66579/>
Acesso em 18/06/2019

Percebe-se a presença de duas vozes na letra da canção. A primeira pergunta do texto parece utilizar a função fática da linguagem. A resposta a essa pergunta sugere, em relação às funções da linguagem:

- A** Que o interlocutor não entendeu o caráter fático da pergunta.
- B** Que o interlocutor correspondeu à expectativa de seu locutor.
- C** Que o interlocutor tem sintomas de doença venérea.
- D** Que o interlocutor está grandemente angustiado.
- E** Que o interlocutor busca ajuda.

QUESTÃO 40

- Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

- Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte da sua vó...?

- Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é princípio universal comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra.

Assis, Machado de. Quincas Borba. Editora Globo. 2008, São Paulo. (p.55)

A personagem Quincas Borba, do romance de mesmo nome, representa uma mentalidade bastante hegemônica ao longo do século XIX. Defendendo a sua tese *Humanitas* como uma forma de compreensão dos fenômenos sociais, a personagem expressa valores humanos que:

- A** valorizam a vida acima de tudo.
- B** preferem a guerra à paz em todas as situações sociais.
- C** defendem uma sociedade bélica.
- D** justificam as mortes de guerra de forma objetiva.
- E** representam uma forma de resistência.



Desperte o bom texto que há em você

www.profelpereira.com.br